

ESTÉTICA MARXISTA E LITERATURA: um debate com a GeografiaRicardo de Holanda Leão¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir a dimensão da literatura na perspectiva da estética marxista, dialogando com a arte e a geografia, além de buscar mostrar, desse modo, um caminho possível de debate e de trabalho profissional numa perspectiva crítica a partir do pensamento político-social. Realiza ainda uma síntese do pensamento marxista, estabelecendo um caminho de compreensão com a obra lukacsiana sobre a literatura, além de trazer ao debate a perspectiva do território como lugar de disputa na geografia, reconhecendo que são reflexões presentes, mesmo que não aprofundadas na construção da cotidianidade perpassando horizontes comuns. Pensar, portanto, dimensões como a estética marxista, literatura e a geografia configura possibilidades de atuação profissional nos mais diversos campos da ciência e da práxis cotidiana, sendo necessário seu aprofundamento e reconhecimento. A arte permeia a vida humana desde tempos remotos e refletimos, nesse texto, suas funções como instrumento emancipatório dos sujeitos, ao tempo que apontamos caminhos para seu uso de modo crítico, consciente e que ultrapasse o horizonte apenas contemplativo e do lúdico.

Palavras-chave: Arte; Literatura; Estética Marxista; Território.

Abstract: The present article aims to discuss the dimension of literature from the perspective of Marxist aesthetics, dialoguing with art and geography, besides trying to show, in this way, a possible path of debate and professional work in a critical perspective from the political-social thought. It also performs a synthesis of Marxist thought, establishing a path of understanding with the Lukacsian work on literature, besides bringing to the debate the perspective of territory as a place of dispute in geography, recognizing that these are present reflections, even if not deepened in the construction of everyday life crossing common horizons. Therefore, thinking about dimensions such as Marxist aesthetics, literature, and geography shapes possibilities of professional action in the most diverse fields of science and daily praxis, being necessary its deepening and recognition. Art has permeated human life since ancient times, and in this text we reflect on its functions as an emancipating instrument for subjects, while pointing out ways to use it critically, consciously, and beyond the merely contemplative and playful horizon.

Key words: Art; Literature; Marxist Aesthetics; Territory.

Introdução

¹ Doutor em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. E-mail: rh.leao@hotmail.com

A compreensão e visão de mundo que se estabelece rotineiramente, junto às periferias e comunidades é pautada por estigmas e traços vibrantes de racismo e preconceito, seja de cor, sexual, racial ou social. Desse modo, temos em pauta nesse debate o trabalho com a arte como vetor de quebra de barreiras e violências ou mesmo de pobrezas, oferecendo uma alternativa de trabalho a ser construído na perspectiva de emancipação humana e social. Desse modo, realizamos neste artigo, uma discussão entre a geografia – na perspectiva de saberes relacionados ao território – com a dimensão artística, mais especificamente, a literatura e a constituição das ideias estéticas marxistas no cotidiano, atentando que “o comportamento cotidiano do homem é começo e final ao mesmo tempo de toda atividade humana” (LUKÁCS, 1966: 11).

Discutir essa temática, a qual é parte originalmente de uma proposta de doutoramento em Serviço Social², mas que aqui se coloca numa construção de interdisciplinaridade junto a outras áreas do saber como a geografia e a literatura, é de grande relevância ao passo que estabelece diálogos muito mais intensos e com raízes mais profundas. Sendo assim, pensar geografia, literatura e arte no cotidiano se coloca como caminho para um debate e para possibilidades alternativas de trabalho, mas de força ímpar para uma sociedade menos desigual.

Vale mencionar o que Costa *et.al.* (2021: 154) nos recorda ao dizer que “o trabalho com a arte no cotidiano, particularmente nas periferias das grandes cidades, pode estabelecer diálogos com a consciência particular dos indivíduos”, o que acaba por favorecer um pensamento crítico sobre a realidade. Assim, o pensamento artístico se faz gerador de processos de consciência crítica ao estabelecer conexão com os indivíduos, ocorrendo o que Lukács (1966) chama de verdadeira arte, não se separando da realidade humana. Desta feita, atentamos que o cotidiano está imerso na história e se compreende a partir de um movimento contraditório que lhe é próprio, já que a história não se concebe linearmente. O cotidiano reúne meios de processamento e de atividades que constituem a transformação do ser social. Diante da perspectiva da estética marxista, “é no cotidiano que os seres humanos estabelecem as mais diversas

² A referida tese foi defendida em Abril de 2022, pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUCSP financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

relações, sendo esta compreensão fundamental para o conhecimento e para o enfrentamento dos conflitos sociais” (MAGALHÃES e FERREIRA, 2017: 51). É nele, pois, que se encontra o avançar da sociabilidade, mas também da opressão e que se notabiliza a sociedade burocrática de consumo, o lazer programado, ao tempo que gera o tédio, a moda imperativa de formas, o culto ao consumo, etc. (LEFEBVRE, 1991). Este cotidiano se coloca no imediato da vida, na superficialidade das relações e se insere no tempo e no espaço de modo contraditório, como que invisível, mas perpassando concretamente gerações e se impondo na diversidade contida nos contextos temporais.

A arte, em sua relação com a vida social, tem suas raízes encontradas no século XIX, onde filósofos dão passos importantes nessa direção. Eles encontram na poesia e na literatura aproximações que manifestam a partir da palavra, possibilidades de acesso ao conhecimento (FREDERICO, 2013; FISCHER, 1959).

Nos primeiros trabalhos de Marx, no período de sua literatura conhecido como do “jovem Marx”, ele traz a dimensão artística como elo de transformação da sociedade. Nos Manuscritos Econômico-Filosóficos (2004 [1844]) ele já pontuava que a arte pode ser estratégia de intervenção definida como uma estética possível de não alienação face aos avanços do capital. A arte, como dimensão técnico-operativa, possui um caráter possível de compreensão de mundo que vai além do tão somente abstrato e de como os elementos se mostram. Trazê-la ao debate é desenvolver uma produção do conhecimento que vai desde o princípio das constituições sociais, com as formas de linguagens artísticas de comunicação, até a dimensão mais abrangente e, portanto, mais aprofundada da vida em sociedade, quando levamos em consideração o teor político contido nela, como o econômico e também cultural.

Nesse sentido, a literatura, conjuntamente com a relação da estética de Marx, sendo um importante meio de reprodução do ser social na história, pode ser vista como instrumento capaz de desenvolver estímulo ao potencial criativo e crítico do ser humano, ampliando a noção de direitos e consciência social. O debate sobre esta dimensão pensa a arte como uma estratégia de trabalho que consiga dar materialidade ao processo de construção de ações, compreendendo

e tendo como parâmetro teórico-prático a ideia de território e como ela se revela no cotidiano das periferias do capitalismo.

Diante do assinalado, buscando refletir sobre uma estética crítica da realidade, nota-se que Marx compreende a arte como um desdobramento do trabalho, não o sobrepondo, mas aparecendo como meio de projeção dos anseios individuais que ultrapassam a realidade imediata (FREDERICO, 2013). Salientamos que teremos como base o debate da arte e da literatura sobre a perspectiva do narrar ou descrever estabelecido por Lukács como caminho para um trabalho crítico e como parâmetro de atuação e constituição de uma práxis profissional. É nesse sentido que se coloca este texto, buscando uma maior dimensão da mesma ao uni-la com o debate geográfico.

Literatura, estética marxista e geografia: caminhos convexos

Discutir estética e literatura na geografia não é tarefa comumente estabelecida, porém se coloca como potência ao passo que a dimensão artística da vida, desde seus primórdios, se mostra intrinsecamente atrelada ao desenvolvimento humano e, portanto, à constituição de saberes propulsores reconhecidos pelo senso comum e também pela ciência.

Como assinalado acima, Marx (2004 [1844]) mostra que a arte pode ser um aspecto importante que denota estratégias possíveis de intervenção definida como uma estética não alienatória face aos avanços do capital, isto é, o autor aponta possibilidades em utilizar a dimensão artística e, particularmente, a literatura, para estabelecer caminhos emancipatórios para a sociedade.

Desse modo, refletir a dimensão da estética e da literatura torna-se incipiente sem explicitar a perspectiva da arte, tendo em vista que a mesma, no panorama do trabalho, possui um caráter possível de compreensão de mundo que vai além da abstração e de como os elementos se configuram na construção do cotidiano. Trazê-la ao debate é reconhecer uma produção do conhecimento que vai desde o princípio das constituições sociais, com as formas de linguagens artísticas de comunicação, como as pinturas nas cavernas no período paleolítico ou mesmo a partir de peças teatrais na atualidade até a dimensão mais

abrangente e, portanto, mais aprofundada da vida em sociedade, levando em consideração o cotidiano através do teor político-econômico-cultural presente em suas manifestações. A arte é colocada cotidianamente por artistas e não-artistas, trazendo reflexões aprofundadas sobre o modo de vivência de comunidades e até mesmo de um todo complexo que é a sociedade capitalista.

Abordar a dimensão artístico-literária na geografia constitui o exercício de ligar o pensamento crítico numa perspectiva político-social, tratando as refrações da “questão social” como resultado das ações do ser genérico na sociedade, reconhecendo ideologias e poderes de dominação de uma classe sobre a outra. Desse modo, se faz notório o uso do território por diversos atores, sejam os hegemônicos ou não hegemônicos, onde estes passam a sofrer as imposições das ações verticais emanadas daqueles que detêm o poder, tentando reduzir cada vez mais as ações horizontais que caracterizam as diversas relações de proximidade. É nesse impasse, inserido na cotidianidade dos processos relacionais que está presente o local de disputa do território. Pensando desta forma pode-se ver conforme Santos (1996: 16), que “as horizontalidades serão os domínios da contiguidade, daqueles lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial, enquanto as verticalidades seriam formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais”.

Dessa forma, a literatura, na perspectiva geográfica e artística, assegura construções estéticas e utiliza-se de mediações que possam efetivar e sobrepor-se à complexidade dos fenômenos sociais. Nesse sentido, a arte, conjuntamente com a relação da estética marxista, sendo um importante meio de reprodução do ser social na história, pode ser vista como instrumento capaz de desenvolver estímulo ao potencial criativo e crítico do ser humano, ampliando a noção de direitos e consciência social, sendo também um fundamental instrumento para fortalecer a constituição da geografia numa perspectiva crítica e atenta aos processos e acontecimentos mundiais, com cada lugar apresentando-se como um intermédio entre os indivíduos e o mundo, sendo o lugar de acordo com Santos (2008: 322):

O quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Esta dimensão pensa a literatura como uma estratégia de trabalho que consiga dar materialidade às diversas realidades dos sujeitos sociais reconhecendo a pluralidade cultural das comunidades ao tempo de construir, a partir da estética marxista, um trabalho que estabeleça formas de reconhecimento do ser e luta social, atentos ao tempo e ao espaço, como também à diversidade social, superando o teor alienatório contido nas relações.

De acordo com Hegel (1974), a arte tem a função de tornar a ideia acessível e de modo sensível, resultando numa correspondência que funde ideia e forma, interpenetrando uma na outra. Nesse sentido, Prates (2007: 224) aponta que tal representação “reflete valores e concepções que o homem tem sobre o mundo, sobre si próprio, sobre a natureza, expressam seus hábitos, seus costumes; logo expressam a sua subjetividade”. A arte, portanto é carregada de potências, expressando valores, modos de vida e significados individuais e coletivos. Contudo, Prates (idem) esclarece que “se a arte expressa objetivações, expressa também processos de alienação que compõem estas subjetividades” (Grifo Nosso). Pensando, por exemplo, no espaço geográfico e, mais especificamente, no espaço escolar, ou em um abrigo para adolescentes, a autora elucubra que este passa a ser mais acolhedor à medida que esteja com ornamentos artísticos e uma estética educacional que integra aqueles sujeitos a uma realidade propositiva e imersiva e complementa:

O mesmo vale para a casa, para o centro comunitário, para o espaço onde realizamos atividades grupais, etc. Muitas vezes dispomos de ambientes inadequados, descuidados, sem manutenção ou pintura, sem objetos que expressem a identidade dos sujeitos e/ou grupos que os ocupam e pretendemos trabalhar auto-organização, resgate de auto-estima entre outros processos. Será que o ambiente, que o espaço, não se configura como um dos elementos básicos para garantir a qualidade destes processos? Acreditamos que sim (PRATES, 2007: 225).

Recordamos Lukács (1966) acerca das determinações fundamentais da cotidianidade, isto é, seus componentes ontológico-estruturais, como a heterogeneidade, o imediatismo e a superficialidade, que são resultados da divisão social do trabalho e que acabam por encobrir os múltiplos desígnios profundos contidos na realidade. A literatura, nesse sentido, acaba por tornar-se um grande instrumental que possibilita uma compreensão, mas, além disso, uma ultrapassagem do que é supérfluo porque se coloca como construção de leituras

de realidades particulares elevando o ser social, ao tempo que o retira de um lugar comum de reprodução do instituído, alienado e possibilitando o reconhecimento do sujeito no espaço que ocupa mesmo diante das contradições que a realidade impõe, como recorda Magalhães e Ferreira (2017: 52) ao citar três obras brasileiras que incidem diretamente no imaginário brasileiro:

Nos romances *São Bernardo*, *Vidas Secas* e *Angústia*, Graciliano Ramos reflete sob as condições da realidade brasileira dos anos 30 do século passado e como as relações de classe expressas naquelas cotidianidades vão moldando as personalidades do proprietário, do proletário e do funcionário público de classe média que começam a se formar e ganhar voz, respectivamente (Grifos das autoras).

Nesse trecho temos alguns exemplos de obras literárias que revelam o cotidiano brasileiro naquele período e que são importantes para reconhecer o tempo histórico. As autoras apontam com clareza, no entanto, que apesar de que as obras discutam sobre subjetividades humanas, elas “não possuem autonomia mediante as relações do cotidiano, indivíduos concretos e suas contradições” (idem, p. 53). Contudo, deixam claro que “a arte é em todas as suas fases um fenômeno social” (idem) já que, diante da crítica estética de Marx, fundamenta-se em princípios histórico-dialéticos.

A arte é um interesse antigo de Marx (FREDERICO, 2013) que, junto ao direito e à filosofia, se empenhou no estudo da literatura e da estética, ao tempo que, em paralelo à atividade jornalística, se dedicou a escrever alguns ensaios³ sobre ela. Em meio à militância jornalística e ao exílio em Paris, acabou se afastando dessas reflexões, porém, em 1844, retoma sua investigação sobre esta temática, fazendo transparecer nos Manuscritos econômico-filosóficos, debatendo sob influência dupla de Hegel e Feuerbach, marcando suas primeiras impressões na estética. Nesse sentido, sua ideia de estética se coloca diante, inicialmente, do pensamento hegeliano, em que,

[...] a arte desponta como o primeiro momento da afirmação do Espírito Absoluto, a ser superado, em seguida, pela religião e pela filosofia. Ela, portanto, é apresentada como alienação do pensamento, como pertencente a uma fase inicial deste, como um meio sensível para o homem tomar consciência do Espírito Absoluto (Ibdem: 26).

³ No início de 1842, escreveu um “Tratado sobre a arte cristã”, além de dois outros, “Sobre a arte religiosa” e “Sobre os românticos” (FREDERICO, 2013).

Nesse sentido, Hegel indica que o estudo do fenômeno artístico deve ser remetido ao próprio sistema filosófico, no intuito de compreender as várias manifestações do Espírito, sendo, a arte, vista como possuidora de um caráter dialético, histórico e social, capaz de ser estudada racionalmente, contrapondo-se ao pensamento de Kant, com uma posição idealista, vendo a arte como objeto exclusivo da consciência humana.

Assim, diante do pensamento hegeliano sobre a estética, a arte é uma manifestação que torna o Espírito consciente de seus interesses, diferenciando o homem da natureza, se fazendo objeto de contemplação, representando a si próprio e tomando consciência de si. Assim, Celso Frederico (2013: 27), mostra que, diante da estética hegeliana, “para o homem, a arte é uma forma de conhecimento e uma afirmação ontológica”. Ela, portanto, nessa linha de raciocínio, coloca o sujeito em contato com a verdade, sendo definida, para Hegel, como uma manifestação sensível do Espírito. A partir do pensamento de Milton Santos, tal ideia pode relacionar-se à compreensão dos meios geográficos⁴, nos quais se discute as relações entre sociedade e natureza a partir dos lugares habitados, em que ocorre a “substituição de um meio natural, dado a uma determinada sociedade, por um meio cada vez mais artificializado, isto é, sucessivamente instrumentalizado por essa mesma sociedade” (SANTOS, 2008: 233). Desse modo, possibilita-se a constituição da transformação do real pensado partindo do aspecto natural e seu desenho movido a partir da sociabilidade.

Posteriormente, Feuerbach busca desmontar o sistema hegeliano, não aceitando o primado do Espírito no campo do pensamento filosófico, o criticando no intuito de comprovar seu caráter alienado, ao passo que afirma que a arte só pode representar o que é verdadeiro, o que é sensível. Desse modo, ele desconstrói o pensamento do ser infinito, transformando o que é finito em absoluto, tendo em vista que, para ele, “o sentido estético depende dos atributos humanos, e estes são inatos. A arte revela ao homem a sua essência” (Ibdem: 37).

⁴ Milton Santos discute a história do meio geográfico a partir da divisão do mesmo em três etapas, partindo do chamado “meio natural” ao “meio técnico-científico-informacional”, o que vale mencionar que é um caminho da atividade humana estabelecida historicamente com o desenvolvimento da humanidade. (Ver em *A Natureza do Espaço*, editora Edusp, São Paulo, 2008).

Essas duas linhas de pensamento estético, influenciaram pensadores durante décadas da segunda metade do século XIX. Lukács buscou mapear a influência de Feuerbach na cultura de seu contexto, considerando-o o último pensador revolucionário da burguesia da Alemanha. Vale dizer que o caráter humanizador e terreno da arte, colocada por Feuerbach, influenciou diretamente o jovem Marx a desenvolver sua ideia de estética, o que fez com que sua trajetória partisse de suas formulações e não do idealismo de Hegel. Entretanto, ao aprofundar suas ideias no âmbito estético, Marx acaba por compreender que o pensamento hegeliano era constituído por mais concretude ao analisar a arte, pois esta era assumida a partir da intervenção do homem na matéria e não somente como uma constituição naturalista da obra de arte realizada apenas pelos sentidos, copiando o que se vê, sem idealizações sobre elas, obtendo um caráter apenas contemplativo. Isso fez com que Marx viesse a rejeitar as posições feuerbachianas sobre a arte, retornando sua aproximação de Hegel, defendendo um caráter ativo da obra artística.

Diante dessas perspectivas e influências, Marx vai entender a arte como um desdobramento do trabalho, isto é, tanto o trabalho quanto a arte “inserir-se no processo das objetivações materiais e não materiais que permitiram ao homem separar-se da natureza, transformá-la em seu objeto e moldá-la em conformidade com seus interesses vitais” (FREDERICO, 2013: 44). Assim, entretanto, a arte não vai sobrepor-se ao trabalho, mas aparece como meio de projeção dos anseios individuais que ultrapassam a realidade imediata, não encontrando lugar apenas para uma contemplação desinteressada do “belo natural”, observando que os sentidos passaram por um longo desenvolvimento social, diferenciando-se da natureza. Portanto, para Marx, “arte é atividade, é realização progressiva da essência humana; é, ao mesmo tempo, distanciamento e ação transformadora da natureza” (Ibdem: 47).

O debate acerca da estética no viés marxista é amplo e se estende num pensar crítico da arte na sociedade dentre várias linhas do pensamento por autores contemporâneos que trilham na linha da análise estética, como o já citado húngaro Gyorgy Lukács, um dos mais influentes autores marxistas a discutir a dimensão da arte na vida dos homens.

Santos (2015: 128) elucida o fato comum, em meio aos estudiosos da arte, de compreender que “é no capitalismo mercantil que se desenvolve a centralização da personificação, da subjetivação do indivíduo como um produto das novas condições sociais, o que traz um importante aspecto no tocante à arte: o reflexo da sociedade”. Tal perspectiva, pensada em sua gênese por Lukács, a partir da vida cotidiana, seja na ciência ou na arte, acaba por reproduzir a mesma realidade objetiva. Contudo, o autor aponta a necessidade de romper tal noção do reflexo como algo mecânico, já que não ocorre dessa maneira. Santos (Idem) recorda que Lukács cessa com o pensamento segundo o qual o problema central da estética é a relação do belo e do agradável, ao tempo que compreende a arte enquanto produto humano.

Netto (2012), trazendo à reflexão o pensamento lukacsiano acerca do papel da arte no cotidiano, essencialmente sobre modos de superar a superficialidade, o pragmatismo e o imediatismo contido na cotidianidade, recorda que o autor da Estética aponta que há dimensões da vida material que produzem objetivações duradouras, como o trabalho criador, a arte e a ciência. Tais formas de suspensão cotidiana permitem que os sujeitos percebam-se como sujeitos humano-genéricos e, nesse movimento de provocação da autoconsciência, possam retornar ao cotidiano distintamente.

No centro de seu texto “Narrar ou descrever?”, elucidando a importância da literatura para compreender e transformar o mundo, realizando “[...] uma crítica aos limites do naturalismo, para chegar a essência da realidade refletida em seus romances” (MAGALHÃES e FERREIRA, 2017: 39), Lukács (2010 [1936]), deixa claro o contraste que se estabelece entre participar de uma história e apenas observá-la, notando que não é casual a forma que os escritores escrevem suas diversas posições assumidas diante da vida cotidiana. Falar sobre literatura, desse modo, está intrinsecamente envolto no debate estético, desde suas formas até seu conteúdo.

Por meio da fruição da leitura dos romances, o leitor/receptor torna-se mais crítico e, de certo modo, experiente dos fatos sócio-históricos representados esteticamente. Há de se salientar que a arte não é um espelho da realidade. É uma composição abstrato-concreta da fragmentariedade do mundo focalizada pelo artista (MAGALHÃES e FERREIRA, 2017: 54).

Ao elaborar um comentário acerca de Gorki que, junto aos nomes de Thomas Mann e Tolstoi, que Lukács classifica como modelos do realismo, os quais a partir da tipicidade penetram na vida cotidiana, refletindo-a com propriedade, explica que “a grande missão da literatura é, portanto, a de dar ao ser humano consciência de si. Por isso ela deve ser popular. Mas o caráter popular não envolve de todo uma simplificação dos problemas ou mesmo uma função puramente propagandística” (LUKÁCS apud OLDRINI, 2019: 88).

A literatura se coloca, portanto, como um elemento que estabelece a potencialidade do reconhecimento do ser genérico, possibilitando a autoconsciência. O autor húngaro aponta ainda a popularidade que deve circundar a literatura, mantendo o teor de acessibilidade, mas sem perder a qualidade que denota suas formas e essencialidade. É nesse universo que se estabelece o típico e adentra-se num debate necessário diante do real na atualidade, isto é, ao passo que, de acordo com o autor, “só a práxis humana pode expressar concretamente a essência do homem” (LUKÁCS, 2010: 161), isto é, a partir do trabalho e, por conseguinte, da práxis, o ser social se coloca diante do real concreto estabelecendo sua particularidade e expressa sua essência diante da constituição das atividades ontológicas cotidianas.

Dessa maneira, Santos cita Fisher (2015: 128), ao mostrar que,

A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro, total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. A arte, ela própria, é uma realidade social.

Nesta compreensão, a arte, a partir do reflexo da realidade, isto é, como um produto humano, constitui-se da matéria de trabalho, se coloca socialmente, integrando o conjunto estético em que a literatura é manifesta como parte da vida social. Importa indicar, no entanto, que o trabalho, como constructo da sociedade, se coloca no território e, diante dele, se produz e reproduz a luta contemporânea, isto é, a luta de classes e o desmonte histórico da coletivização dos meios produtivos. É nesse território onde se produz riqueza que se constitui a sociabilidade, é nele que fica notável a contradição entre aqueles que produzem riqueza e aqueles que a detém. Vale mensurar que a arte se configura uma necessidade que mesmo após tantos acontecimentos históricos, políticos,

culturais, permanece presente como sociabilidade e como reflexo constante do movimento social. Desse modo, “para uma sociedade que se caracteriza cada vez mais como estimuladora do individualismo exacerbado, do isolamento e dissociação do todo, da coletividade, a arte configura-se como um dos meios pelo qual se potencializa a totalidade do ser humano” (SANTOS, 2015: 137). Desse modo, no intuito de compreender comunidades, povos e o lugar habitado, a arte, por meio da literatura e da leitura geográfica do lugar habitado, pode-se valer de diversos instrumentos. Ao que estamos nos referindo, a arte, mais uma vez, se coloca como potência realizadora ao tempo que adentra e se coloca em meio às comunidades, podendo ser fruidora à medida que se apresenta. É nesse sentido que Prates (2007) menciona o seu uso para captar o real:

O uso de filmes, letras de música, fotos e outros registros são ricos materiais dos quais podemos nos valer para interpretar o real. Uma foto, por exemplo, sobre o modo como os moradores de rua se organizam em grupos sob pontes ou viadutos, muitas vezes pode ser bem mais rica em detalhes, do que uma descrição escrita, para que uma equipe possa, coletivamente, analisar o uso do espaço por estes sujeitos. A análise de trechos de música popular de uma região ou país expressa, nas estrofes, valores, mazelas, indignações, representações, estigmas que são socialmente veiculados, diferentes modos de apreender contextos e fenômenos que compõem estas realidades (PRATES, 2007: 227).

Nesse sentido, compreender o território é perceber a amplitude do termo, é ter a dimensão do concreto pensado, da totalidade. Santos (1996: 15) aponta que “vivemos com uma noção de território herdada da Modernidade incompleta e do seu legado de conceitos puros, tantas vezes atravessando os séculos praticamente intocados”. A ideia estabelecida como algo dado ou tão somente físico passa a dar lugar a um complexo difuso de contradições e perspectivas da diversidade contida na realidade. Desse modo, o autor completa que “[...] é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele o objeto da análise social. [...] O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida” (Idem). Perceber essa construção do território que vai além do que é dado, portanto, é pensá-lo como caminho para criar e discutir políticas públicas ou até mesmo o ensino didático, a partir das contradições contidas no espaço.

Desse modo, a literatura, por meio da prosa ou mesmo da poesia, incluindo as letras de músicas que podem ser analisadas junto aos alunos ou usuários de

serviços de políticas sociais para mediações que esclareçam processos de alienação, por exemplo, assim como de contradições cotidianas, possibilitam a comunicação sobre os sentimentos, estigmas, realidades que demonstram intolerâncias no dia a dia dos sujeitos e nas expressões contidas na “questão social”. Prates (2007) aponta usos literários que expressam com propriedade a realidade vivenciada por muitos sujeitos no cotidiano e que contribuem para uma compreensão crítica e uma elevação das experiências superficiais e repetitivas de todos os dias:

A abertura de um texto sobre precarização do trabalho poderia muito bem ser iniciada com a seguinte estrofe da música *Vai trabalhar vagabundo*, de Chico Buarque: “carimba o teu documento, carimba o teu coração... vai te entregar, vai te estragar, vai trabalhar...”. Ou um debate sobre a submissão imposta pela dependência, como contraponto à perspectiva que reconhece o direito dos sujeitos sociais, poderia ser articulada a outra brilhante estrofe de Chico Buarque que bem a expressa, na música *Deus lhe pague*, quando diz: “por este pão para comer, por este chão para dormir, por eu poder respirar, por eu poder existir, Deus lhe pague...”. Durante o período de ditadura, a música era instrumento utilizado para, de modo sutil, expressar a indignação e também a esperança de superação, como na música *Apesar de você*, do mesmo autor: “apesar de você amanhã há de ser outro dia [...] e eu vou morrer de rir porque este dia há de vir antes do que você pensa”. Outra pérola do mesmo período, de Vandré, instigando a mobilização e o protagonismo diz: “Vem, vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer...” (PRATES, 2007: 230).

Magalhães e Ferreira (2017) atentam que é na crítica de base social que é afirmada a necessidade do reconhecimento da história e das relações sociais no engendramento das expressões artísticas, compreendendo que estas são materializadas a partir do período histórico que são constitutivas, isto é, elas representam as reflexões sobre a realidade tidas como foco. Nesse sentido, a literatura se coloca como expressão geográfica de um tempo e de um espaço no qual é produzida e alicerçada. As autoras complementam

Como, por exemplo, Graciliano Ramos faz com sinhá Vitória, em *Vidas Secas*, criando dois planos para a personagem que se unem para possibilitar suas ações; Machado de Assis, com o narrador de *Brás Cubas*, que através da ironia que transmite desde sua posição de narrador morto até a visão crítica das relações de classes no Brasil, impossibilitaria a compreensão da forma que é apresentada no romance se o narrador não fosse póstumo, pois ele era um dos que mantinham as relações de

dominação; ou Guimarães Rosa, com o jagunço Riobaldo, de Grande Sertão: Veredas, cujo narrador-protagonista traz a contradição em si mesmo e questiona as várias formas de lidar com a subjetividade (MAGALHÃES e FERREIRA, 2017: 42).

São nessas concepções envolvendo a aparência e a essência das coisas, juntamente com a arte e a literatura, no contexto de expressão do território que compreender os aspectos lukacsianos do narrar ou descrever ou mesmo dos reflexos cotidianos através da arte se faz importante, isto é, como o autor já esclarece, “[...] a narração distingue e ordena. A descrição nivela todas as coisas” (LUKÁCS, 2010: 165). Lukács coloca de modo ímpar, a distinção de narrar ou descrever a partir de textos clássicos de Zola, Tolstoi, Balzac, Flaubert, entre outros, cada um numa época e estilo literário, mostrando particularidades que condecoram visões diversas da sociedade a partir do contexto e postura social dos mesmos, trazendo de modo crítico a defesa de um aspecto que contribua com a realidade e não apenas a descreva. Do mesmo modo isso se efetiva ao pensarmos a realidade brasileira, com suas concepções através do lírico, da poesia, da prosa, da literatura de cordel, etc., que refletem o cotidiano e os usos do território, diante de suas contradições e propostas de vivências a partir dessas realidades. Daí a importância da literatura e de uma visão pautada na geografia, a partir, inicialmente da leitura do território. Desse modo, atentando a uma estética crítica sobre a realidade e refletindo acerca da práxis e da geografia, notabiliza-se o caminho da literatura como manifestação narrativa do real, assim como caminho possível de trabalho numa perspectiva reflexiva de sociabilidade.

Considerações finais

Discutir a literatura numa perspectiva artística a partir da compreensão da estética marxista é perpassar por caminhos constitutivos sociológica e ontologicamente. Marx estabeleceu rotas de compreensão da sociedade que permeou linhas de contradições entre classes distintas, buscando estabelecer uma transformação da sociedade. Ele não propôs uma reforma, um tratado, mas uma transformação da sociedade que necessitava de um conhecimento aprofundado de dimensões variadas da vida humana, ou seja, haveria de analisar desde a arte num momento primitivo e como o homem trabalhou a partir dela para

se reconhecer como ser social, genérico, até as linhas de movimentação econômico-políticas que estabelecesse uma concretude na busca e efetivação de transformações sociais.

O debate sobre a estética marxista é um caminho para aprofundar a dimensão da arte e da literatura na sociabilidade humana, percorrendo as vias da práxis, como movimento, como possibilidade de modificação social a partir do trabalho. A literatura, nesse sentido, além de uma manifestação artística, é comunicação e meio de linguagem que representa um determinado contexto histórico, podendo ser parte de um movimento que estabelece possibilidades de organização e criticidade social. Nessa compreensão, Oldrini recorda o que nos diz Lukács ao apontar que “[...] a literatura é uma parte, um produto e, ao mesmo tempo, uma arma da luta de classes [...]. A literatura é uma parte, embora peculiar, do fronte ideológico da luta do proletariado” (LUKÁCS *apud* OLDRINI, 2019: 142).

Como buscamos apontar acima, a partir do modo em que se estabelece a escrita pode-se favorecer o mantimento do *status quo* ou possibilitar meios de transformação da realidade social – ao falar da sociedade, falamos também de sua constituição em classes. Lukács deixa claro ao apresentar de modo dinâmico, a partir da própria literatura clássica, distinções entre o narrar e o descrever, apontando que “o método descritivo é inumano” (LUKÁCS, 2010: 177) já que não absorve a realidade em sua totalidade, mas apenas a descreve como passado, como algo já transcorrido, não possibilitando caminhos de modificação da realidade. Vale atentar que a concepção marxiana “sublinha que o reflexo produzido não é nem mecânico, nem fotográfico, embora apareça sob a forma de problemas socialmente condicionados” (MAGALHÃES E FERREIRA, 2017: 43).

Salientamos que discutir esta dimensão, juntamente com a compreensão do território e do espaço usado, é trazer a perspectiva de constante transformação, não apenas de um cenário, do físico, daquilo que se vê, mas na dimensão do aparato histórico, das incongruências contidas nele, das políticas públicas, de uma realidade que perpassa a totalidade e também particularidades. Compreendendo o reflexo estético contido na obra artística e que se mostra inteiramente relacionada ao movimento da comunidade em que nasceu, com suas variadas dimensões sociais e filosóficas, pode-se notar “a reflexão realizada pelo

artista alcançando, assim, o equilíbrio entre os aspectos da realidade (cotidiano) sobre o qual o artista está refletindo (singularidade) e as problemáticas que a humanidade traz para si no seu desenvolvimento (universalidade)” (Idem). Esse movimento de percepção e materialização da obra artística (literária ou de outro formato) configura a particularidade reflexiva do artista que relaciona, na sua produção, os aspectos que o permeia como ser social, portador de cultura e sociabilidade inserido em determinado lugar. Concordamos com as autoras quando dizem que

A obra literária sempre representa uma visão de mundo; no entanto, não há uma relação mecânica entre o que o artista é e pensa sobre o mundo e o que ele expressa em sua obra. Há uma cadeia de mediações que vai desde as condições de produção material e passa pela produção tecnológica, pelos códigos estéticos daquele momento e do tipo de arte que são apresentados à individualidade do artista (MAGALHÃES E FERREIRA, 2017: 54).

As relações sociais transpostas nas obras artísticas são representadas como processos de autoconsciência perante as produções da materialidade levando em conta a arte como particularidade que resulta da relação entre a subjetividade do artista e a objetividade da realidade. Refletindo isso no âmbito da literatura e, por conseguinte, na geografia, pensamos na construção do território em relação à produção da cotidianidade e captamos o que nos diz Milton Santos com propriedade ao referir que “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (SANTOS, 1996: 16). Isso quer dizer que a relação entre a literatura com o território perpassa um caminho de leitura do espaço utilizado em meio às contradições a partir das diversas formas de vivências e da perspectiva de classe. Ao unir tais debates com a estética de Marx, observamos que perceber e contar histórias solicita que aquele(s) que a(s) faz(em) possua(m) uma concepção de criticidade sobre o real, ultrapassando o cotidiano alienante e alienador, podendo, nesse sentido, obter muito mais variação na construção de expressões compositivas. De acordo com Lukács (2010: 179), “não há composição sem concepção do mundo”, sem se compreender diante de uma realidade que se modifica a partir do movimento dos homens.

Assim, aprofundar o conceito estético de Marx, balizando a compreensão da arte como meio de expressão e reconhecimento social, ou seja, a intervenção mediada através da arte, da literatura e da realidade, com tantas manifestações da questão social, faz compreender também, de modo crítico, que a sociedade, tomada pelo sistema do capital, tem uma densidade teórica que impossibilita tão somente descrevê-la, mas exige uma narração, na qual se emerge com a visão de classes e da exploração. A geografia e a discussão sobre o território é fundamental para se obter uma visão aprofundada do real e fazer transparecer na literatura produzida a concepção de mundo que vá de encontro ao discurso hegemônico do capitalismo, possibilitando uma produção de conhecimento que se movimente na história e que possua, em seu corpus, uma real dimensão da sociedade.

Referências

COSTA, B. A. P. [et.al.]. Povos ciganos, migrações africanas e movimentos de moradia na cidade de São Paulo: um caminho para o serviço social pela mediação da arte. In.: MARTINELLI et. al. [Orgs.]. *Cotidiano, cultura e sociabilidade: pesquisa em serviço social*. EDUC. São Paulo, 2021. pp 143-155.

FISCHER, E. *A Necessidade da Arte*. Zahhar Editores, São Paulo, 1959.

FREDERICO, C. *A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács*. 1ª Ed. Expressão Popular São Paulo, 2013.

HEGEL, G.W.F. *Preleções sobre a estética*. Coleção Os Pensadores. Editora Abril, São Paulo, 1974.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Editora Ática S.A. São Paulo, 1991.

LUKÁCS, G. *Estética I: La peculiaridade de lo estético*. Ediciones Grijalbo, S.A., Tradução de Manuel Sacristán. Barcelona-México, 1966.

_____. *Narrar ou Descrever?*. In.: *Marxismo e teoria da literatura*. Coleção Arte e Sociedade. Expressão Popular, 2ª Edição, São Paulo, 2010.

_____. *Para uma Ontologia do ser social*. Editora Boitempo, São Paulo, 2012.

MAGALHÃES, B; FERREIRA, L. Crítica literária dialética: do trabalho à particularidade estética de Lukács. In: MORAES, Andréa Pereira; MAGALHÃES, Belmira; MOREIRA, Luciano Accioly Lemos (Orgs.) *Estética e Crítica Literária: reflexões acerca do pensamento estético em Lukács e Marx*. Instituto Lukács, São Paulo, 2017. pp. 37-58.

MARTINELLI, M. L. *Serviço Social: Identidade e Alienação*. 12. Ed. Editora Cortez, São Paulo, 2008.

_____. História Oral: exercício democrático da palavra. In. MARTINELLI [et al] (Orgs.). *A História Oral na pesquisa em Serviço Social: da palavra ao texto*. Editora Cortez, São Paulo, 2019, pp. 27-39.

MARX, K. *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*. Editora Boitempo, São Paulo, 2004.

NETTO, J. P. (ORG.). *O leitor de Marx*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2012.

OLDRINI, G. *Os marxistas e as artes: princípios de metodologia crítica marxista*. Coletivo Veredas. Coleção Oldrini. Maceió-AL, 2019.

PRATES, J. C. A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social. *Revista textos e Contextos*. V.6, n.2. Porto Alegre – RS, 2007, pp. 221-232.

SANTOS, J. S. *Questão Social: particularidades no Brasil*. Editora Cortez, São Paulo, 2012.

SANTOS, M. O retorno do território. In. SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). *Território, Globalização e Fragmentação*. Editora HUCITEC/ANPUR, 2ª edição, São Paulo, 1996.

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Editora Record, 10. ed. Rio de Janeiro, 2003.

_____. *A Natureza do Espaço*. Editora Edusp, São Paulo, 2008.

SANTOS, V. N. Arte como possibilidade de mediação no Serviço Social. *Revista Direito Contemporâneo e Constituição – PIDCC*, Aracaju, Ano IV, Vol. 09, n.2, 2015, pp. 125-150.

VÁSQUEZ, A. S. *As ideias estéticas de Marx*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3ª Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2010.

TONET, I. *Educação, Cidadania e Emancipação Humana*. Editora Unijuí. Coleção Fronteiras da Educação, Ijuí – RS, 2005.